

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

RAÚL RUIZ — A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III, CONCLUSÃO)

3 de Outubro de 2024

CHACUN SON CINEMA

OU CE PETIT COUP AU COEUR

QUAND LA LUMIERE S'ÉTEINT ET QUE LE FILM COMMENCE / 2007

Realização: Raymond Depardon (CINÉMA D'ÉTÉ), Takeshi Kitano (ONE FINE DAY), Theodoros Angelopoulos (TROIS MINUTES), Andrei Kontchalovsky (DANS LE NOIR), Nanni Moretti (DIARIO DI UNO SPETTATORE), Hou Hsiao-Hsien (THE ELECTRIC PRINCESS HOUSE), Jean-Pierre e Luc Dardenne (DANS L'OBSCURITÉ), Ethan e Joel Coen (WORLD CINEMA), David Lynch (ABSURDA), Alejandro Gonzalez Iñárritu (ANNA), Zhang Yimou (EN REGARDANT LE FILM), Amos Gitai (LE DIBBOUK DE HAIFA), Jane Campion (THE LADY BUG), Atom Egoyan (ARTAUD DOUBLE BILL), Aki Kaurismäki (LA FONDERIE), Olivier Assayas (RECRUESCENCE), Youssef Chahine (47 ANS APRÈS), Tsai Ming-Liang (IT'S A DREAM), Lars Von Trier (OCCUPATIONS), Raoul Ruiz (LE DON), Claude Lelouch (CINÉMA DE BOULEVARD), Gus Van Sant (FIRST KISS), Roman Polanski (CINÉMA ÉROTIQUE), Michael Cimino (NO TRANSLATION NEEDED), David Cronenberg (AT THE SUICIDE OF THE LAST JEW IN THE WORLD IN THE LAST CINEMA IN THE WORLD), Abbas Kiarostami (WHERE IS MY ROMEO?), Wong Kar-wai (I TRAVELLED 9000 KM TO GIVE IT TO YOU), Bille August (THE LAST DATING SHOW), Elia Souleiman (IRTEBAK), MANOEL DE OLIVEIRA (RENCONTRE UNIQUE), Walter Salles (À 8944 KM DE CANNES), Wim Wenders (WAR IN PEACE), Chen Kaige (AU VILLAGE), Ken Loach (HAPPY ENDING).

Produção e Concepção: Gilles Jacob para o 60º Festival Internacional de Cinema de Cannes e a Elzevir Films Production (França, 2007) *Estreia Mundial:* 20 de Maio de 2007, no Festival Internacional de Cinema de Cannes *Primeira exibição absoluta em Portugal:* 17 de Dezembro de 2008 (“Todo Manoel de Oliveira: Cem Anos em Dois Meses”).

LE DON, o episódio de Raúl Ruiz

Realização, Argumento: Raúl Ruiz *Fotografia:* Jacques Bouquin, Inti Briones *Montagem:* Valeria Sarmiento, Béatrice Clérico *Música:* Jorge Arriagada *Interpretação:* Michael Lonsdale, Miriam Heard *Produção:* Festival de Cannes, Elzevir Films *Título em inglês:* The Gift – Dialogue d'un cinéophile aveugle avec sa nièce anthropologue (O Presente – Diário de um cinéfilo cego com a sobrinha antropóloga) *Cópia:* em 35mm., 3 minutos.

NOTA O texto desta “folha” refere-se ao conjunto do filme-compilação, do qual LE DON é um dos segmentos de três minutos. O alinhamento da sessão contempla outros títulos (“folhas” distribuídas em separado).

Um icónico festival de cinema faz sessenta anos e para assinalar a passagem da provecta data redonda convida trinta e cinco realizadores, quatro dos quais parelhas fraternais (Coen e Dardenne), de vinte e cinco nacionalidades, a realizarem curtas-metragens de três minutos a partir de um único motivo, a sala de cinema. É este o projecto de CHACUN SON CINÉMA, à volta do qual Cannes reuniu um impressionante elenco de realizadores, oferecendo um novo capítulo à história dos filmes-compilação. O pretexto auto-comemorativo de Cannes assume-se como isso mesmo, como *pretexto*, não se esgotando no segundo termo da proposição, ou seja, preferindo-lhe a possibilidade de uma reflexão sobre o gosto pela sala de cinema simultaneamente pessoal e a várias vozes.

Apenas os três minutos de Youssef Chahine, “47 ANOS DEPOIS”, são auto-centrados, em Cannes e em Chahine, quando o realizador encena e revisita a sua própria história de jovem realizador injustiçado em Cannes em acção reparada quase três décadas mais tarde quando é aclamado no mesmo palco. Num dos últimos segmentos, À 8944 KM DE CANNES, Walter Salles pisca com bom-humor os olhos ao Festival e ao seu presidente, Gilles Jacob, num plano-sequência cantado em frente à fachada de um velho cinema no Brasil onde LES 400 COUPS está em cartaz. Os últimos três minutos antes do epílogo (um excerto de René Clair, LE SILENCE EST D'OR) são de Ken Loach, HAPPY ENDING, numa igualmente bem-disposta proposta: os protagonistas desse segmento são um pai e um filho que debatem qual o filme a ver enquanto aguardam a vez de comprarem bilhetes para uma ida ao cinema, acabando por trocá-la por uma ida a um estádio de futebol. Na sua maioria, os restantes “três minutos” centram-se em sentimentos pessoais relativos à

experiência da sala de cinema (muitas grandes salas decadentes, muitas – godardianas – lembranças de espectadores de cinema cegos) em *reflexões nostálgicas* e em visões de *cinéfilia europeia*, em que Godard, Truffaut e Bresson são os mais citados, em que Marcello Mastroianni é especialmente lembrado (o segmento de Angelopoulos, TROIS MINUTES) e em que Federico Fellini é invocado à cabeça em dedicatória inicial e lembrado por Kontchalovsky (DANS LE NOIR, com referência especial a 8 ½).

Alguns dos segmentos são especialmente bonitos, como o de Kitano, UNE BELLE JOURNÉE ou a proposta de uma ida a uma velha sala de cinema no meio do campo para uma projecção dificultada pelas agruras das condições de uma sala que há muito perdeu o esplendor dos seus dias; ou o tributo pessoal de Claude Lelouch aos pais, LE CINÉMA DE BOULEVARD; ou ainda a lembrança de Chaplin entre as crianças e uma projecção ao ar livre numa remota aldeia asiática em AU VILLAGE que, já para o fim do filme, rima com o não menos bonito segmento de abertura de Depardon, CINÉMA D'ÉTÉ, visões felizes. Há os “três minutos” dos que se mantêm fiéis ao seu próprio cinema, como Abbas Kiarostami, um dos mais belos momentos de CHACUN SON CINÉMA, Aki Kaurismaki, David Lynch. E há aqueles outros que, sendo isto, novas manifestações das singularidades do cinema dos seus respectivos autores, irrompem mais surpreendentemente no fluxo do conjunto do filme. São os que vimos como os “três minutos” de excepção oferecidos por Nanni Moretti, David Cronenberg e Manoel de Oliveira.

Moretti põe-se em cena a si e às suas memórias de espectador de cinema em DIARIO DI UNO SPETTATORE, visitando as *suas* salas de cinema e associando cada uma delas ao momento da descoberta de um dado filme, incluindo nesse itinerário pessoal a evocação da mãe, que o acompanhava em criança, e a do filho, que em adulto acompanha ele. É o testemunho de um verdadeiro cinéfilo, alguém que genuinamente pensa no cinema e na vida como duas partes de uma mesma realidade e que assim também as vive.

Cronenberg adopta o mesmo ponto de partida de Moretti no sentido em que se filma a si mesmo como personagem dos seus três minutos. AT THE SUICIDE OF THE LAST JEW IN THE WORLD IN THE LAST CINEMA IN THE WORLD não é exactamente uma variação sobre a hipótese de “a film is a gun and a girl”, mas é a encenação da situação de uma personagem filmada no momento em que aponta uma arma à cabeça em atitude de suicídio iminente. São três minutos muito fortes, cheios de tensão cinematográfica. O ponto de Cronenberg? Filmar-se a si mesmo como o último judeu do mundo na última sala de cinema do mundo, ou no último reduto do que dela resta, uma exígua casa de banho, preparando um suicídio que está a ser transmitido em directo pela televisão e banalizado pelo comentário *off* que acompanha as imagens. Uma declaração de princípios clara nos termos e angustiante no travo deixado pelas imagens. Já Ruiz encena o conto de um cinéfilo cego que conta, à sobrinha antropóloga, uma história passada cinquenta anos antes.

Oliveira conta uma história, como no cinema mudo, a preto-e-branco e com intertítulos, e Godard vem-nos de novo à memória, “Seul le cinéma”. Oliveira dispensa a sala de cinema como cenário, dispensa a sala de cinema ou a nostalgia do cinema como motivo narrativo e oferece simplesmente “três minutos” de cinema, usa os seus “três minutos” para contar uma história que “só o cinema” pode contar. É uma história muito simples, a de RENCONTRE UNIQUE. O seu poder é simplesmente esse. O de ser uma história de cinema que junta o camarada Khrouchtchev e o camarada Papa João XXIII num encontro marcado por dois gestos que se interpelam, o da bênção católica e o do punho erguido político. No cinema é-se livre.

Maria João Madeira